

# A CONSTRUÇÃO DAS EMOÇÕES NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA AMOR & SEXO\*

Fabiano Eloy Atílio Batista

Universidade Federal de Juiz de Fora

DOI: 10.25768/21.04.01.014

**RESUMO:** O artigo busca analisar, a partir da perspectiva da Antropologia das Emoções, que representações sobre o Amor é (re)construída pelo programa *Amor & Sexo*, da TV Globo. Assim, buscamos compreender como a questão relativa ao amor é representada no programa, e como este organiza os seus discursos para o público que o assiste. Os dados foram analisados pelo entrelaçamento de fontes bibliográficas, a partir das discussões sobre a Antropologia das Emoções e da Mídia. Como principais resultados, obtivemos que a representação do amor no programa *Amor & Sexo* é (re)construída dentro de certos estereótipos que fundamenta a sociedade a padrões.

**PALAVRAS-CHAVE:** antropologia das emoções; amor; mídia; discursos.

---

## Índice

Introdução . . . . .	1
1 Metodologia . . . . .	5
2 Amor & Sexo: enveredando por terras antes proibidas . . . . .	6
3 Amor ou Sexo? O que se tem produzido e falado sobre o programa um breve “estado da arte” . . . . .	9
4 A construção das emoções: o que se tem falado sobre o amor a partir da análise da 11ª temporada do programa Amor & Sexo . . . . .	14
Considerações finais . . . . .	24
Referências . . . . .	24

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo compreender, analisar e problematizar, a partir dos estudos sobre as Emoções e da Mídia, como a temática do amor é (re)construída no programa televisivo Amor & Sexo, da TV Globo.

Buscamos com este estudo, compreender os seguintes pontos: a) como a temática sobre o amor é abordada pelo programa; b) identificar ou não possíveis estereótipos sobre as

---

\*Este trabalho foi desenvolvido para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Humanas, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

© 2021, Fabiano Eloy Atílio Batista.

© 2021, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer

forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

questões relativas ao amor; e por fim, c) aprender qual/quais (de)construções sobre o amor é apresentada no programa.

Neste sentido, destacamos inicialmente as relações sociais que as mídias estabelecem na criação de normas, valores e condutas em nossa cultura, pois, estas são vistas, analisadas e compreendidas, muitas das vezes, como mecanismos de práticas discursivas e ideológicas que produzem, reproduzem, circulam e difundem efeitos de sentidos nos sujeitos, fornecendo-lhes modelos de como serem e estarem no mundo, apresentando-lhes, por vezes, novos hábitos, costumes e comportamentos de vida que devem ser seguidos para uma inserção e aceitação aos “padrões” vigentes em nossa cultura (Silverstone, 2002), deixado, por conseguinte, à margem desse processo de sociabilidade difundido pela mídia, as pessoas que não se enquadram nesses “padrões” impostos e crivados.

As mídias, nessa lógica, são consideradas como importantes mecanismos na criação de “regimes de verdades” (Foucault, 1997), na (re)afirmação de discursos e ideologias que legitimam certos modelos sociais, corporais e de vida em detrimento a outros.

Neste sentido, ao pensarmos sobre os “regimes de verdades”, como mencionado por Foucault (1997), cabe se enfatizar as análises realizadas por Tereza de Lauretis (1987), em seu texto *Tecnologia de Gênero*, onde a autora nos expõe sobre as diversas formas ideológicas crivadas socialmente para instituir e mistificar certos processos de sociabilidade dos sujeitos como verdades absolutas.

Para a autora, as “tecnologias de gênero” se configuram como mecanismos sociais e institucionais que buscam, por diversos meios, o “[...] poder de controlar o campo da significação social e produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero. (Lauretis, 1987, p.18)”, entre os quais, no que diz respeito a nossa pesquisa – o amor –, é colocado às mulheres o dispositivo amoroso, sejam através de diversas formas de violências, por estratégias religiosas, científicas, do senso

comum ou até mesmo das mídias, como procuramos compreender e investigar em nossas análises.

Tereza de Lauretis (1987) nos fornece a compreensão de que os corpos sexuados são carregados de discursos e valores sociais, que lhes fornecem diferenças, hierarquização, submissão, e assimetrias. Fato esse que está atrelado ao binarismo amplamente difundido e arraigados em nossa cultura ocidental (também presentes em outras), através da concepção do ser humano em masculino-feminino, a partir de uma imposição da heterossexualidade, da monogamia e da reprodução da espécie como ordens sociais.

Assim, temos uma polarização: de um lado o masculino, ligado às questões de poder, virilidade, autoridade, e afins; sinônimo de humano, sujeito da transcendência. Do outro, temos o feminino, ligado às questões de docilidade, maternidade, cuidados com o lar, filhos e afins; um corpo-destino (Lauretis, 1987).

Nesse sentido, antes mesmo de terem a sexualidade, os corpos são tomados como sexuados, em sua materialidade carnal. Esta instabilidade é instituída e fixada aos poucos, como práticas sociais de domesticação sobre todos os corpos desde antes do nascimento, a partir de normas e de modelos a serem seguidos. Esses corpos tornam-se, assim, superfícies de discursividades sendo fruto do efeito do próprio discurso já instaurado na ordem do natural (Lauretis, 1987). Corroborando tais pensamentos, Dagmar Meyer (2011, p.95), pondera que “vivemos nossas vidas e não nos apercebemos de como este cotidiano está pautado, regulado e normatizado por compreensões generificadas, apreendidas na cultura e assumidas como certas e verdadeiras”.

Outro aspecto de suma relevância a ser destacada na obra de Tereza de Lauretis (1984) é sobre a sua elaboração de noção de “experiência”, pois essa pode ser empregada para compreensão de nosso objeto de estudo. De acordo com a autora, a “experiência” deve ser vista como “[...] um processo em andamento, pelo qual a subjetividade é cons-

truída semiótica e historicamente [...] como um complexo de hábitos resultando da interação semiótica entre o “mundo de fora” e o “mundo de dentro” [...]” (Lauretis, 1984, p.182).

A experiência é assim concebida, de acordo com Lauretis (1984), como a imersão dos sujeitos nas práticas sociais, em suas mais diversas ações; sua inserção ativa ou passiva no mundo, pois ambas produzem descolamentos; suas vivências e inúmeras outras práticas dentro de uma perspectiva diversa. Isso significa, por conseguinte, compreender que uma auto expressão (tomando como base a emoção, por exemplo) não diz respeito a algo estático, e não pode ser designado por uma anatomia, mas, sobretudo, por uma série de experiências e vivências que fazem dos seres humanos sujeitos dinâmicos e em constantes mutações, marcados por ocasiões e motivações múltiplas e singulares, se posicionando, assim, mediante a um lugar específico, de um contexto e papel sócio histórico também específico. Essas “experiências”, portanto, dizem respeito aos processos de movimento e mutação, aos diversos deslocamentos que os sujeitos realizam no decorrer de suas vidas, tornando-o, por finalidade, as identidades, que, a priori, são compreendidas como fixas (em especial no que diz respeito ao senso comum) em um processo de constante e incessante transformação.

Vivenciamos e experiênciamos assim, em especial na contemporaneidade, um significativo e intenso processo midiático no qual, valores, bem como modelos de cultura são difundidos, assimilados e negociados de acordo com os interesses dos sujeitos em se posicionarem no mundo. Isso ocorre por que, segundo Silverstone (2002, p. 20), a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”.

O programa Amor & Sexo, neste sentido, é entendido neste estudo como um produto

mediático que (re)produz sentidos discursivos acerca de temáticas consideradas como *tabus* em nossa sociedade, tais como: sexo, sexualidade, gênero, questões familiares, amorosas, dentre outros assuntos.

Buscamos assim, realizar uma análise do programa, procurando compreender e estudar o que se tem pensado/falado e em quais dos episódios a temática inerente ao amor foi priorizada e discutida ao longo da 11ª temporada do programa Amor & Sexo. Entendemos neste estudo a temática do amor, a partir do viés da antropologia das emoções, como um elemento fundamental para compreensão das dinâmicas sócias, pois, estas experiências e vivências emocionais “singulares”, sentidas, vividas e experienciada por determinados sujeitos, são produtos relacionais entre o indivíduo, a sociedade e a cultura a qual ele se encontra inserido.

Ao pensarmos sobre a Antropologia das Emoções como base analítica deste estudo, devemos, de antemão, compreender que este ainda é um campo que se encontra em ascensão. Porém, ao analisarmos algumas obras, podemos compreender que essa temática se encontra presente em diversos estudos a partir do século XX (sobre diversas perspectivas), e, vêm se configurando e se solidificando enquanto objeto de análises, em especial nesse início desse século (Barreto, 2001; Coelho, 2003; Koury, 2003, 2004, 2005; Victora, 2011; Hochschild, 2013; Le Breton, 2013; Bispo, 2016; dentre outros).

Nesse sentido, Rezende e Coelho (2010) nos apontam que na história das Ciências Sociais as emoções, em certa medida, foram, por muito tempo, compreendidas e analisadas como parte da dinâmica da vida social como um todo, não tendo, por conseguinte, *status* de um objeto autônomo a ser estudo. De acordo com as autoras, tal fato decorrer por que as emoções “embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos ‘naturais’, realidades psicobiológicas que já eram dadas a priori e modificadas até certo ponto

pela socialização em uma cultura específica” (Rezende; Coelho, 2010, p.13).

Assim, ao pensarmos sobre os primeiros esforços em se refletir sobre as emoções enquanto elementos sociais, segundo Rezende e Coelho (2010), podem destacar os seguintes autores: Émile Durkheim e Georg Simmel, que traziam em seus textos esboços sobre as emoções enquanto “estados subjetivos e não sociais”, entretanto, analisando-os em linhas distintas, ambos mostraram que os sentimentos que são frutos do meio social podem, em certa medida, produzir “efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (Rezende; Coelho, 2010, p.13). Nesse sentido, essa ambivalência (enquanto sentimento natural/biológico ou social/produzido), sobre os estudos das emoções, se estenderia ainda por décadas.

Somente a partir da década de 1970 que os estudos das emoções começaram a possuir seu escopo mais delimitado, através das abordagens interpretativas. Assim, para Rezende e Coelho (2010), essa mudança ocorreu sobre a noção de cultura, que, a priori, eram definidas como “padrões de comportamentos habituais e tradicionais”, porém agora receberia uma redefinição através de “teias de significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade” (Rezende; Coelho, 2010, p.14). Fato esse que desencadeou novos estudos acerca dos conceitos de pessoa e *self*, bem como das emoções, além de outros estudos que tinham o propósito de propor articulação entre “emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder.” (Rezende; Coelho, 2010, p.14).

Entretanto, as autoras pontuam que, somente na década de 1980 que os estudos inerentes à antropologia das emoções, sob em viés realista, passaram a ser tratados como “conceitos culturais que mediam e produzem a experiência afetiva” (Rezende; Coelho, 2010, p.14). Isso se deu, dentre diversos fatores, a partir do momento que foi compreendido os conceitos de pessoa e de subjetividade

como constructos sociais. Corroborando com essas ideias, Catherine Lutz (1988) pondera que os conceitos sobre emoção “implicam negociações sobre a definição da situação e sobre vários aspectos da vida social, devendo ser vistos como práticas ideológicas locais” (Lutz, 1988 *apud* Rezende; Coelho, 2010, p.14). Nesse sentido, a partir daí “as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (Rezende; Coelho, 2010, p.14).

Rezende e Coelho (2010) postulam que esse conflito entre indivíduo-sociedade, no que diz respeito aos estudos sobre as emoções, foram mais estruturados a partir das análises de Marcel Mauss (1980), que, seguindo, em certa medida, as primícias dos trabalhos de Durkheim, pôr-se a uma “exploração do modo como o obrigatório e o espontâneo entrelaçam-se na experiência emocional individual” (Rezende; Coelho, 2010, p.44). Segundo as autoras, Mauss (1980) avança nas reflexões no que diz respeito à relação indivíduo-sociedade sob um viés dos estudos das emoções, pois o sociólogo “mostra o caráter ritualizado da expressão dos sentimentos, que se acentua ou recua segundo momentos socialmente demarcados na sequência ritual, obedecendo, além disso, a uma estética comum” (Rezende; Coelho, 2010, p.48). Fato esse observado nos escritos de Mauss (1980) ao dissertar sobre os cultos fúnebres australianos, onde o referido autor buscou demonstrar que as expressões dos sentimentos ali envolvidos (o ato de chorar, se portar, dentre outras práticas realizadas) não estavam intimamente ligadas a fenômenos fisiológicos ou psicológicos, mas, sobretudo, a fenômenos sociais, que não eram espontâneos e obrigatórios. Nas palavras de Marcel Mauss (1980),

(...) todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em

suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos, ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestar-lhos. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros (Mauss, 1980, p.332).

Assim, Rezende e Coelho (2010) consideram que as análises propostas por Mauss (1980) corroboram para o entendimento de que a natureza coletiva e ritualizada da expressão dos sentimentos é um atestado sobre seu caráter como “fato social” (Durkheim, 2002). Contudo, ao passo que essa expressão é de natureza externa do indivíduo, não impossibilita sua espontaneidade na expressão de seus sentimentos, uma vez que esses podem ser vivenciados e vividos através de uma singularidade a partir de quem os expressam. E é nesse aspecto que as aproximações das teorias sobre a Antropologia das Emoções nos auxiliam a compreender o nosso objeto de estudo – o amor – como uma relação que, apesar de possuir, em certa medida, uma universalidade imposta, é também uma forma de expressão singular e características de pessoa para pessoa.

Por fim, compreender o amor sobre o viés dos estudos das emoções, nos possibilita analisar e compreender os códigos presentes para expressão desse sentimento e coloca-los em problematização dentro de nosso contexto sócio histórico, a partir de sua veiculação nas mídias – em especial no que tange aos programas exibidos em rede aberta.

## 1 Metodologia

O artigo, metodologicamente, assumiu um delineamento qualitativo, com coleta de dados realizada em fontes secundárias e públicas, o que o configura como uma pesquisa documental, marcada pelo entrelaçamento de fontes bibliográficas (Gil, 1999).

Partimos de um viés dos estudos pós-críticos, pois estes nos permitiram uma maior autonomia metodológica para execução da análise a qual propusemos, ou, como apresentado por Mayer e Paraíso (2012), nos forneceu mecanismos teóricos e metodológicos mais “livres” para construção de estratégias de coleta, descrição e análises do *corpus* de pesquisa.

Os estudos pós-críticos, do qual utilizamos neste estudo foi baseado nos estudos no campo da educação, e diz respeito aos estudos que buscam compreender as multiplicidades das análises, que admitem certa imprecisão e até mesmo certa ambiguidade, pois, esses estudos se distanciam de uma visão essencialista, não se constituindo, por conseguinte, como “[...] doutrina geral sobre o que é ‘bom ser’, nem um corpo de princípios imutáveis do que é ‘certo fazer’” (Corazza, 2001, p. 56). Assim, os estudos pós-críticos podem ser entendidos enquanto um conjunto de teorias que procuram problematizar esse cenário pós-moderno: onde se observa uma fluidez das subjetividades, sejam elas étnicas, raciais, de gênero, midiáticas, ideológicas, tecnológicas, religiosa, dentre outras. Nesse sentido, as teorias pós-críticas se situa muito mais na “dimensão intrasubjetiva, isto é, a pluralidade das identidades que constituem um mesmo indivíduo e suas personalidades múltiplas” (Corcuff, 2001, p. 25).

Nesse sentido, podemos destacar como uma das principais marcas desses estudos: o distanciamento de uma visão totalizante e estável (Maia, 2011). Assim, as teorias pós-críticas, “[...] já não precisam da referência de um conhecimento verdadeiro baseado num suposto “real” para submeter à crítica do conhecimento [...] Todo conhecimento depende da significação e esta, por sua vez, depende de relações de poder. Não há conhecimento fora desses processos” (Silva, 2007, p. 149). Fato esse que, não podemos deixar de pensar que a “sociedade é construída em contextos históricos, socioeconômicos e políticos tensos, marcados por processos de colonização e domina-

ção. Estamos, portanto, no terreno das desigualdades, das identidades e das diferenças” (Silva, 2007).

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nos bancos de dados, tais como: *Scientific Electronic Library Online – SciELO*, Google Acadêmico, dentre outros; com a finalidade de identificar o que vem sendo produzido e como vem sendo tematizado, discutido e problematizado o programa Amor & Sexo na contemporaneidade.

Neste aspecto, enfatizamos que o programa tem sido analisado prioritariamente e majoritariamente pela perspectiva inerente as categorias de Gênero e Sexualidade. Justificando assim esta pesquisa como uma ampliação do entendimento acerca das potencialidades do programa como um mecanismo de “educação não formal” (Gohm, 2011) em sociedade. Ainda, a pesquisa se justifica por tratar de um assunto pouco explorado nos estudos acadêmicos – o amor – ao qual se propõe em analisar a partir do programa, ampliando, por conseguinte, as discussões relativas ao mesmo, uma vez que este – o amor – se faz presente na construção discursiva do programa.

Em seguida, foi traçado um panorama geral sobre o programa, a qual se propõe analisar, sobre suas temáticas e particularidades ao longo de suas temporadas.

Após um breve apontamento sobre as particularidades do programa, nos debruçaremos sobre um *corpus* de 10 episódios que fazem parte da 11ª temporada do programa exibida no de 2018 e disponibilizado no site<sup>2</sup> da emissora que produz o programa com a finalidade de analisar as narrativas que o programa emite sobre o que é o amor; como o programa constrói discursos sobre o amor, o que diz sobre ele, etc; procurando compreender, a partir dos objetivos, como este foi abordado.

A escolha em se trabalhar com as publicações fornecidas e vinculadas pelo site se

deu, dentre diversos fatores, para que possamos compreender quais temáticas e discursos têm sido priorizados e difundidos para os telespectadores nas redes de interação do programa. Neste site, é realizado um compilado das informações sobre os episódios que foram ao ar, do qual apresentaremos ao longo da pesquisa. Fornecendo assim, pistas do que tem “valor” de ser publicado e discutido ou não.

Os dados foram analisados pelo entrelaçamento de fontes bibliográficas, a partir das discussões sobre a Antropologia das Emoções e da Mídia, buscando ao máximo compreender os discursos que (re)constróem a temática inerente ao amor.

## 2 Amor & Sexo: enveredando por terras antes proibidas

O programa Amor & Sexo se constitui de um programa de auditório voltado para o entretenimento com um viés educativo. Ele se configura como um programa onde se observa quadros de *talk show*, performances musicais, bate papo, dinâmicas, entre outros atrativos ao longo de seus episódios. De acordo com José Carlos Aronchi de Souza (2004),

Os programas de auditório prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo. O público do gênero auditório também comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa. [...] A sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas faz do programa de auditório um gênero que comporta facilmente vários formatos: há pequenas

<sup>2</sup> Site da emissora onde os programas são disponibilizados: <https://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/>.

reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão ritmo à produção (Aronchi de Souza, 2004, p.94).

Dentro dos diversos conteúdos exibidos pelas emissoras de televisão aos seus telespectadores, os programas de auditório se configuram e representam assim um objeto particular na história da televisão, “cujas principais características são o contato face-a-face com o público, o elo de comunicação com o telespectador, e o alcance de elevados índices de audiência” (Almeida, 1988, p. 48). Esses programas são, em certa medida, os principais responsáveis por proporcionar divertimento e entretenimento, pois “prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa” (Aronchi de Souza, 2004, p. 94).

Embora o programa Amor & Sexo não tenha sido o primeiro programa a tratar das temáticas relativas ao amor e ao sexo na TV aberta brasileira<sup>3</sup>, este se configurou uma um mecanismo de suma relevância para discussão destas temáticas em sociedade. Entrando assim, para grade da emissora como um programa de auditório com uma alta periodicidade (desde 2009) que teria o intuito de discutir e problematizar exclusivamente temas considerados *tabus* em nossa sociedade, se juntando com o programa Altas Horas que até então era o único que abordada em um qua-

dro fixo do programa, com a presença da sexóloga Laura Müller, autora do livro *500 Perguntas Sobre Sexo*, que tira dúvidas de forma bem-humorada da plateia e dos convidados do programa sobre a temática.

A partir de então, o programa Amor & Sexo teve sua primeira temporada televisivada, sendo exibido até então todas as sextas-feiras, após o programa Globo Repórter, às 23h:15min, pela modelo e apresentadora Fernanda Lima, que está a frente do programa até hoje. Possui a direção de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Dragaud.

Cabe se ressaltar que, o programa foi cancelado no final do ano de 2014, em sua 8<sup>o</sup> temporada, pois, supostamente, não estava alcançando índices satisfatórios de audiência. Assim, após uma nova roupagem, teve seu retorno em 2016 (9<sup>o</sup> temporada) com uma série de mudanças, como por exemplo: passou a focar mais na ludicidade e no divertimento, no que em uma postura mais politizada – como ocorria anteriormente. Na 10<sup>o</sup> temporada, o programa foi reformatado novamente para atender uma demanda externa dos telespectadores, assim, passou a utilizar, para além do aspecto lúdico, uma postura mais didática sobre os temas abordados, tais como: gênero, feminismo, machismo, violência, dentre outros. Assim, podemos observar, no quadro a seguir, um panorama geral de exibições do programa.

---

<sup>3</sup> Há apenas dois precedentes na TV aberta: TV Mulher, na própria Rede Globo entre os anos de 1980 e 1986, e Aprendendo Sobre Sexo no SBT, no ano de 2006.

Quadro 1. Panorama geral de exibição do programa Amor & Sexo

TEMPORADA	EPISÓDIOS	EXIBIÇÃO ORIGINAL	
		ESTREIA DA TEMPORADA	FINAL DA TEMPORADA
1 <sup>a</sup>	10	28 de agosto de 2009	06 de novembro de 2009
2 <sup>a</sup>	8	01 de fevereiro de 2011	22 de março de 2011
3 <sup>a</sup>	9	07 de junho de 2011	01 de setembro de 2011
4 <sup>a</sup>	8	03 de novembro de 2011	22 de dezembro de 2011
5 <sup>a</sup>	6	31 de janeiro de 2012	06 de março de 2012
6 <sup>a</sup>	8	06 de setembro de 2012	25 de outubro de 2012
7 <sup>a</sup>	12	03 de outubro de 2013	19 de dezembro de 2013
8 <sup>a</sup>	11	09 de outubro de 2014	18 de dezembro de 2014
9 <sup>a</sup>	10	23 de janeiro de 2016	02 de abril de 2016
10 <sup>a</sup>	11	26 de janeiro de 2017	13 de abril de 2017
11 <sup>a</sup>	10	09 de outubro de 2018	11 de dezembro de 2018

Fonte: Autor (adaptação site emissora)

Ao analisarmos sobre os índices de audiência do programa, de acordo com plano comercial da emissora – programa Amor & Sexo (2018)<sup>4</sup>, podemos observar que em sua última temporada – 2017 – o programa alcançou o índice de 101,2 milhões de telespectadores em seus onze episódios.

No que diz respeito ao perfil dos telespectadores, podemos observar a seguinte composição: a idade média dos telespectadores que mais assistem ao programa varia entre 25 a 49 anos de idade, seguida de um público acima

dos 50 anos. Em sua maioria, temos um público jovem. Em relação ao gênero dos telespectadores, temos um público majoritariamente feminino (63%), seguido de um público masculino que representa 37%. No que tange as questões inerentes às classes sociais, o programa possui grande aceitação entre os sujeitos da classe denominada como: “C” (52%), que consiste em uma classe média popular no Brasil. Conforme podemos observar na figura a seguir.

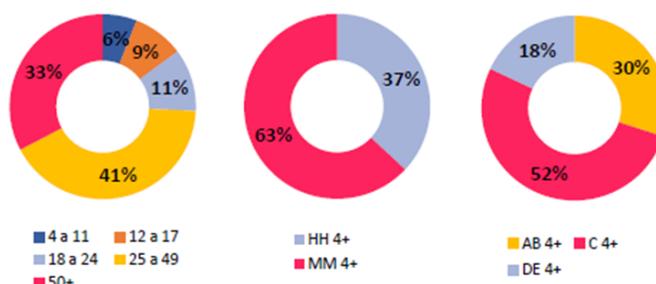


Figura 1. Perfil do telespectador última temporada – 2017  
 Fonte: Comercial da emissora – Programa Amor & Sexo (2018)

Ainda, segundo os dados do plano comercial da emissora – programa Amor & Sexo (2018), no que diz respeito aos aces-

sos a página do programa na plataforma digital Gshow.com, podemos observar que o programa teve um alcance superior a “+ de 1,8

<sup>4</sup> Disponível em: [www.comercialonline.tv.br/Imagens/Oportunidades/Oportunidades\\_153\\_pdf\\_20180910122513.pdf](http://www.comercialonline.tv.br/Imagens/Oportunidades/Oportunidades_153_pdf_20180910122513.pdf). Acessado em 13 de mai. De 2019.

*milhão de visualizações de páginas na última temporada*”, ou seja, “03min 03seg tempo médio por página (18% acima do tempo médio de Gshow)”.

Ao longo dos 08 (oito) anos foram exibidos 103 episódios que em suas temáticas, como já enfatizado, tratavam de assuntos poucos discutidos de forma explícita na cultura brasileira. Em todas as temporadas do programa Amor e Sexo observa-se que o mesmo contou com diversos quadros, reportagens e temáticas variadas, mas, de forma geral, no que diz respeito a sua composição, manteve-se dentro de alguns aspectos tais como: plateia fixa (cerca de 400 [quatrocentas] pessoas); banda musical (que variou de acordo com cada temporada – tendo destaque o cantor Léo Jaime, Pablo Vittar, Mylena Jardim, dentre outros) que eram responsáveis por animar o programa com músicas que versassem sobre o tema proposto no dia; e diversos convidados que compuseram a bancada (em sua maioria celebridades e pessoas ligadas as grandes mídias ou especialistas da temática a ser abordado no dia), além disso, conta com a presença fixa da psicanalista Regina Navarro Lins. Destaca-se ainda que, o programa manteve diversas competições, jogos de perguntas e respostas e conversas dialogadas e mediadas entre plateia, apresentadora, bancada e a/o especialista.

No que diz respeito ao cenário do programa, o mesmo segue uma linha burlesca, sendo composto por muita extravagância, luzes, cores e brilho. Fato esse que se estende até mesmo para os figurinos utilizados pela apresentadora Fernanda Lima. Podemos observar que, o cenário se torna um elemento de suma relevância na construção discursiva do programa, pois, as imagens junto as falas de todos os envolvidos são fatores de suma relevância para adesão do público que o assiste, se configurando, assim, de forma lúdica como uma espécie de pedagogia para transmissão de discursos.

Para além de uma encenação teatral, em todas as temporadas a apresentadora Fernanda

Lima inicia a abertura do programa dançando [junto com um corpo de bailarinos e bailarinas], cantando e discursando sobre o tema a ser abordado, se inserindo dessa forma na cena e dando início ao programa.

### **3 Amor ou Sexo? O que se tem produzido e falado sobre o programa um breve “estado da arte”**

Neste tópico, iremos apresentar um “estado da arte” (Ferreira, 2002) sobre o que se tem produzido sobre o programa Amor & Sexo, buscando enfatizar as perspectivas e abordagens que este vem sendo analisado e problematizado. De acordo com Norma Ferreira (p.258, 2002), o desafio desta pesquisa é “[...] de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas [...]”.

Assim, lançamos de um conjunto de palavras (Amor e Sexo; Amor & Sexo; programa amor e sexo, dentre outras) nas plataformas de pesquisas tais como: *Scientific Electronic Library Online – SciELO*, Bases da Capes de Dissertações e Teses, embora estes não tenham se apresentaram como fonte frutíferas. Neste sentido, buscamos pelo mesmo conjunto de palavras nos buscadores de pesquisa *Google Acadêmicos* e *Google* convencional, se apresentando como fontes mais eficazes para composição da análise de propusemos.

Ao todo foram encontradas e identificadas 11 [onze] publicações divulgadas em fontes variadas, conforme podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 2. Descrição das publicações encontradas

TIPO DE PUBLICAÇÃO	PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS
Texto publicado em Anais de Evento	03
Textos “não identificados à origem”	02
Artigo revista eletrônica	04
TCC Graduação/Especialização <i>Latu Senso</i>	01
Dissertação	01
TOTAL	11

Fonte: Autor

Inicialmente, cabe se ressaltar que a maioria das produções citadas e analisadas nesse estudo, conforme podemos observar no quadro 03, foram escritas por mulheres. Nesse sentido, percebemos que há uma demanda feminina por tencionar questões relativas às temáticas apresentadas pelo programa, tais como: violências, sexualidades, questões relativas a famílias, filhos e afins. Essas mulheres, seja por meio de diferentes repertórios, estão na busca de seus direitos em sociedade. Dentre eles, podemos destacar:

Direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito a participar de es-

paços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito a viver livre de violências, direito de viver em igualdade de condições com os homens (Bandeira e Melo, 2010, p. 9 – grifos nossos).

Assim, observa-se que essas mulheres, além de elaborar uma crítica, buscam por meio dessas produções um movimento plural de igualdade nas discussões em sociedade, pois, “ao trazer essas novas questões para o âmbito público, o feminismo traz também a necessidade de criar novas condutas, novas práticas, conceitos e novas dinâmicas” (Costa, 2005, p. 11) em sociedade.

Quadro 3. Especificações das publicações – Título/ Autor / Ano de publicação

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	AUTOR (RES)	ANO DE PUBLICAÇÃO
Entretenimento e empoderamento feminino: uma análise da contribuição para o feminismo através do programa “ <i>Amor e Sexo</i> ”	Mayara Lourdes de Aguiar Azevedo Silva Narjara Larissa Modesto Ferradaes Rita Maria Costa Soares	2018
A pedagogia da diversidade no discurso do programa Amor & Sexo	Danyelle Alves da Paixão Thainá Evelylyn Martiniano Alexandre Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues	2017
Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa ‘Amor & Sexo’ exibido em 02 de Março de 2017	Iúrio Ferreira do Nascimento Maria Andreia dos Santos Isadora Meneses Rodrigues	2017
Amor & Sexo: Sexualidade, Feminismo e o Contra-agendamento da Mídia	Maisa Regina Bilenki Maria Elisa Máximo	2017

Cultura da conexão e segunda tela: a expansão dos laços sociais por meio da interação	Adriélle Lopes de Sousa	2016
Sem preconceito? A representação LGBT em “Amor & Sexo”	Laura Moura de Quadros	2015
Jogo do Strip Quizz: análise dos conteúdos pedagógicos de Educação Sexual em um quadro do programa televisivo Amor & Sexo.	Elizane de Andrade	2011
Um estudo dos conteúdos pedagógicos de educação sexual presentes no programa televisivo “Amor e Sexo” da rede Globo.	Eliziane de Andrade Sonia Maria Martins de Melo	2011
Amor e Sexo: O <i>framing</i> da Globo e a quebra de tabu	Reynaldo Carilo Carvalho Netto	2011
A sexualidade em Amor & Sexo: representação, discurso e regime de verdade	Samuel Anderson Rocha Barros Matheus Araujo dos Santos Jéssica Monteiro Passos Paula Cristina Janay Alves de Oliveira Marta Cunha Silva Itania Maria Mota Gomes	2011
Sexualidade e gênero da televisão: análise do projeto educativo do programa Amor e Sexo	Débora de Almeida Ferreira Ana Carmita Bezerra de Souza	Não identificado

Fonte: Autor

Nesse sentido, iremos, mesmo que brevemente, realizar um resumo sobre como o programa Amor e Sexo foi abordado por esses autores.

No texto intitulado *Entretenimento e empoderamento feminino: uma análise da contribuição para o feminismo através do programa “Amor e Sexo”*, as autoras Mayara Silva, Narjara Ferrades e Rita Soares (2018) buscaram compreender como a temática do feminismo é tratada nos programas de massa. Para tal, as autoras se utilizaram como objeto de análise o programa Amor e Sexo, mas especificamente um episódio que foi exibido no dia 26 de janeiro de 2017, que tinha como temática principal o tema “Mulher” e abordou, por finalidade, questões inerentes aos

movimentos feministas. As autoras buscaram com este estudo analisar as contribuições desse programa para o arrefecimento das discussões sobre o feminismo e como este possibilita uma ampliação e um maior alcance dessas discussões. Enquanto conclusões, as autoras obtiveram que, o programa da uma visibilidade para as lutas feministas. Levanta problemas presentes nas discussões e nas demandas sociais desses sujeitos e serviu como uma mola propulsora para o encorajamento do debate de temas de suma relevância em sociedade, como por exemplo, violência doméstica, preconceito, luta pelo mercado de trabalho e afins.

O texto *A pedagogia da diversidade no discurso do programa Amor & Sexo*, de au-

toria de Danyelle Paixão, Thaína Alexandre e Emanuella Rodrigues (2017), as autoras buscaram analisar o programa Amor e Sexo dentro da perspectiva dos estudos sobre Gênero e Sexualidade. Assim, as autoras buscaram analisar sobre as discussões que o programa tenciona em discutir, a partir de uma análise da décima temporada (2016-2017). Enquanto resultados principais, as autoras ponderam que o programa, apesar de ser relevante em sociedade e abordar temas necessários, ainda trata as discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade dentro de enquadramentos particulares e que, por vezes, reforça certos estereótipos. Porém, as autoras são enfáticas em reafirmar as potencialidades do programa enquanto um problematizador dessas discussões na contemporaneidade.

Os autores Iúri Nascimento, Maria Santos e Isadora Rodrigues (2017), em seu artigo denominado *Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa 'Amor & Sexo' exibido em 02 de Março de 2017* buscaram, assim como os autores supracitados, pensar sobre como o programa Amor e Sexo constroem seus discursos sobre gênero e sexualidade. Para tal, se utilizaram a análise de um programa, que foi ao no dia 02 de março de 2017, onde o tema central abordado era sobre gênero e sexualidade. Segundo os autores, os debates sobre o referido assunto ainda é bastante embrionário dentro da mídia aberta, e a edição do programa teve uma capacidade muito significativa de ampliação dessas discussões em rede nacional. É ponderada pelos autores que o programa, em especial no dia analisado, trouxe a tona uma discussão bem criteriosa sobre os debates de gênero e sexualidade e se configurou, por conseguinte, como um importante mecanismo para ampliação desses debates, respeito às diferenças e assegurar os direitos a cidadania.

No texto *Amor & Sexo: Sexualidade, Feminismo e o Contra-agendamento da Mídia*, as autoras Maisa Bileki e Maria Máximo (2017) buscaram compreender, assim como Mayara Silva, Narjara Ferrades e Rita Soares

(2018), como o programa Amor e Sexo corrobora para a discussões sobre feminismo em rede nacional a partir da influência dos movimentos sociais, dos avanços nos estudos sobre gênero dentro desse processo de contra-agendamento midiático (capacidade da sociedade de impor temas para serem tratados em rede nacional). Enquanto resultados obtidos, as autoras pontuam que, o programa tem tencionado e problematizado discussões relevantes na pauta dos femininos, tem se adequado, na medida do possível, aos discursos oriundos da sociedade e compreendido a necessidade de certas pautas em detrimento a outras a partir de suas singularidades e especificidades.

Adrielle Sousa (2016), em seu trabalho de mestrado denominado *Cultura da conexão e segunda tela: a expansão dos laços sociais por meio da interação* buscou refletir acerca dos estudos das comunicações. Assim, a autora buscou, a partir das discussões do programa Amor e Sexo na plataforma digital *Twitter*, compreender como é construída as redes de conexões e os laços sociais na contemporaneidade. Para tal, a autora analisou os processos de interação em tempo real na plataforma de relacionamento enquanto o programa ia sendo exibido observando como os usuários se comportavam nas interações uns com os outros. Enquanto resultados, a autora conseguiu analisar que os laços de interações entre os indivíduos são ampliados, graças aos diversos usos dessas tecnologias de rede. Ainda, a autora enfatiza que foram compreendidas diversas redes de relação e interação dentro da plataforma, que ora se confrontavam, ora se encontravam em concordância.

Laura Quadros (2015), em seu trabalho denominado *Sem preconceito? A representação LGBT em "Amor & Sexo"*, buscou traçar discussões sobre as potencialidades do programa Amor e Sexo como mecanismo discursivo das representações sobre a comunidade LGBT em sociedade. Assim, a autora buscou, a partir da análise do programa, compreender como os discursos inerentes a essa temática eram construídos e veiculados pelo programa

e como esse, em certa medida, tencionava tais discussões. Quadros (2015) vem contextualizando sobre a importância do programa em sociedade e sobre seus debates no que diz respeito às questões inerente ao gênero e sexualidade, enfatizando que o programa representa uma importante válvula propulsora para tais debates. A autora verificou, de acordo com suas análises, que apesar da importância do programa em sociedade, o mesmo reforça estereótipos que inferiorizam e condiciona à comunidade LGBT a margem da sociedade, por vezes inferiorizando-a. A autora pondera ainda que, há a valorização de certos discursos específicos e pautas preestabelecidas, não ampliando as discussões que auxiliariam a esses sujeitos na conquista de direitos em sociedade.

O trabalho *Jogo do Strip Quiz: análise dos conteúdos pedagógicos de Educação Sexual em um quadro do programa televisivo Amor & Sexo*, de autoria de Elizane de Andrade (2011), buscou refletir sobre as discussões sobre sexualidade no programa Amor e Sexo a partir do quadro *Strip Quiz* dentro de uma perspectiva educacional. De acordo com os resultados da autora, o programa orienta certos estereótipos inerentes à sexualidade humana, dentro de uma normatização velada a partir de seus discursos, negando, por finalidade, uma emancipação sexual dos sujeitos em sociedade. Andrade (2011) ainda pondera que, certos enquadramentos discursivos não se configuram como práticas emancipatórias, mas sim reforçam padrões já instaurados na ordem da normalidade.

No trabalho intitulado *Um estudo dos conteúdos pedagógicos de educação sexual presentes no programa televisivo "Amor e Sexo" da rede Globo*, de autoria também de Elizane Andrade em conjunto com Sonia Melo (2011), as autoras buscam refletir, dentro da mesma perspectiva supracitada sobre o programa. No artigo, as autoras tencionam e problematizam as discussões sobre a sexualidade abordada pelo programa Amor e Sexo a partir do quadro *Strip Quiz*, apontando, como tam-

bém já mencionado, que o programa possui uma predominância de discursos que, em certa medida, buscam uma alienação sobre os assuntos que dizem respeito sobre a sexualidade e se configuram, em grande parte, enquanto discursos estereotipados que fortalecem correntes desumanizadoras sobre a educação sexual.

Reynaldo Netto (2011), em seu trabalho denominado *Amor e Sexo: O framing da Globo e a quebra de tabu*, buscou analisar o programa Amor e Sexo dentro de uma perspectiva dos estudos das comunicações a partir do frame (quadro de vídeo). Assim, o autor buscou compreender os pontos que talvez tenham impulsionado a popularidade do programa entre os anos de 2009 a 2011, que até então estava em sua terceira temporada. AS análises de Netto (2011) mostraram que as discussões sobre gênero e sexualidade aliados a uma ludicidade e bom humor foram os pontos principais para o sucesso do programa que aborda temas considerados como tabus em sociedade.

O texto *A sexualidade em Amor & Sexo: representação, discurso e regime de verdade*, de autoria de Samuel Barros, Mathues Santos, Jéssica Passos, Paula Oliveira, Marta Silva e Itania Gomes (2011), buscou, a partir dos Estudos Culturais, compreender as construções discursivas sobre a sexualidade no programa Amor e Sexo. Para tal, os autores se apoiaram nos conceitos de representação, regimes de verdade e discurso elaborados por Michel Foucault, além de bases teóricas de estudos inerentes as questões de gênero e sexualidade. Como principal resultado da pesquisa os autores destacam que, as representações da sexualidade no programa são estereotipadas e construídas a partir das diferenciações entre os gêneros masculino e feminino, pautado em uma concepção monogâmica e heteronormativa.

Por fim, porém não menos importante, o texto intitulado *Sexualidade e gênero da televisão: análise do projeto educativo do programa Amor e Sexo*, de autoria Débora Ferreira e Ana Carmita Souza (s/d), buscaram re-

fletir acerca do programa Amor e Sexo a partir do projeto educativo do programa, procurando compreender os diversos mecanismos que são utilizados para informação dos assuntos inerente as temáticas sobre gênero e sexualidade.

Assim, ao final desse breve “estado da arte” podemos compreender que o programa Amor e Sexo foi analisados, na maioria dos casos, a partir das questões relativas aos estudos sobre gênero e sexualidade, reafirmando assim, como apresentando como justificativa desse trabalho, a ampliação dos estudos que buscam refletir sobre o programa a partir dos estudos das emoções, mais especificamente a temática relativa ao amor, uma vez que esse se encontra na construção discursiva do programa e perpassa por todas as temáticas.

#### **4 A construção das emoções: o que se tem falado sobre o amor a partir da análise da 11ª temporada do programa Amor & Sexo**

Sem diferenciação de suas demais temporadas, a 11ª temporada seguiu os moldes for-

matados do programa. Ao longo de sua exibição, no ano de 2018 observamos que foram tratadas sobre os mais variados temas inerentes as questões relativas ao amor e ao sexo bem como temas considerados como tabus em sociedade, tais como: machismo, feminicídio, agressão, dentre outros como já mencionados.

Assim, cada episódio da 11ª temporada foi tabelado de acordo com sua temática principal a ser enfatizada no dia de sua exibição, conforme podemos observar no quadro 04. Embora, todos os episódios possuam grande relevância analítica, por questões metodológicas nos interessa compreender as narrativas presentes no dia 16 de outubro de 2018, onde a temática central abordado foi o amor, sendo esse objeto central desse estudo. Embora, cabe se enfatizar que, as questões relativas ao amor estejam presentes na construção discursiva dos demais episódios, mesmo que intrinsecamente.

Quadro 4. Abordagem dos episódios da 11ª temporada

DATA DE EXIBIÇÃO DO EPISÓDIO	TEMA CENTRAL ABORDADO
09 de outubro de 2018	Mudança
16 de outubro de 2018	Amor
23 de outubro de 2018	Família
30 de outubro de 2018	Masculinidades
06 de novembro de 2018	Feminilidades
13 de novembro de 2018	Nudez
20 de novembro de 2018	Sexualidades
27 de novembro de 2018	LGBTfobia
04 de dezembro de 2018	Felicidade
11 de dezembro de 2018	Melhores momentos do programa

Fonte: Autor

A divisão nominal das temáticas, como pode ser observada no quadro 04, se deu mediante a chamada realizada pela própria apresentadora do programa Fernanda Lima e vei-

culado no site da emissora em sua plataforma digital, conforme podemos observar na figura abaixo, por exemplo.

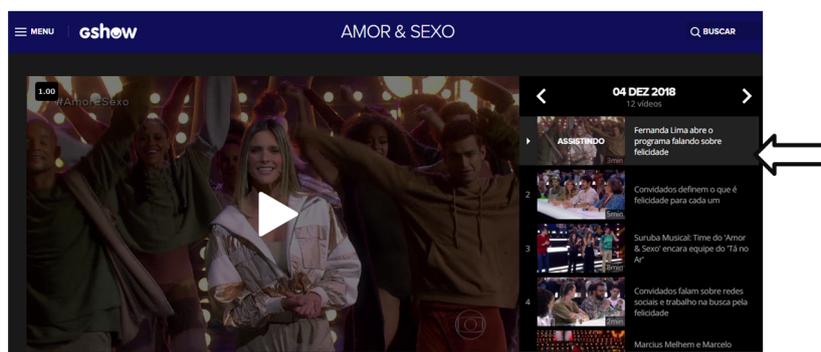


Figura 2. Chamada da temática a ser abordada no episódio  
Fonte: Print do programa Amor & Sexo / Site Gshow.com

O episódio a qual propusemos em analisar, foi dividido e veiculado na plataforma digital do programa Amor e Sexo, no site *Gshow.com*, em 12 [doze] pequenos vídeos/momentos mais relevantes do pro-

grama, conforme podemos observar na imagem abaixo. Assim, podemos ter indícios, a partir dessas publicações, o que tem sido priorizado e veiculada nas discussões propostas pelo programa.

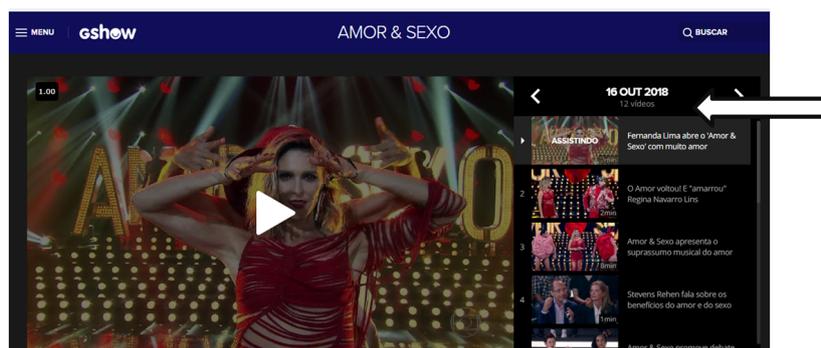


Figura 3. Divisão do episódio do dia 16 de outubro de 2018 veiculada na plataforma do programa  
Fonte: Print do programa Amor & Sexo / Site Gshow.com

Inicialmente, cabe se realizar uma análise do cenário referente ao episódio do dia 16 de outubro de 2018, onde a temática central abordado foi o amor, podemos observar alguns pontos de suma relevância para com-

preensão da construção narrativa imagética do programa. A cor predominante utilizada na composição cênica e no figurino da apresentadora Fernanda Lima é o vermelho, conforme podemos observar na figura abaixo.



Figura 4. Composição cênica do programa Amor & Sexo do dia 16 de outubro de 2018

Fonte: Print do programa Amor & Sexo / Site Gshow.com

Segundo Heller (2000), ao refletirmos sobre a ligação das cores com nossos sentimentos nada é por acaso, uma vez que, as relações existentes entre ambos não dizem respeito somente a uma questão de gosto, mas, sobretudo, a questões de experiências tidas como universais e que se encontram profundamente enraizadas em nosso cotidiano, seja através da linguagem ou de nosso pensamento.

As cores, nesse sentido, são utilizadas como importantes mecanismos de composição de nossa percepção, tendo em vista que elas influenciam, consideravelmente, nossas ações e reações sobre o mundo ao qual estamos inseridos, provocando-nos, por vezes, diversos efeitos de sentidos: tanto a níveis psicológicos e fisiológicos (Heller, 2000).

Ao pensarmos sobre a cor vermelha utilizada para composição do episódio em análise, Raissa Zylberglej, (2017, p. 36) pondera que “um mesmo tom de vermelho pode ser erótico ou chocante, inoportuno ou nobre. Pode representar o amor, a paixão, e a raiva, o diabo. Toda cor tem seu significado. Seu efeito é determinado pelo contexto [...]”. No que diz respeito ao programa, o contexto em que a cor vermelha foi utilizada era para retratar o sentimento amor.

Nesse sentido, existem diversos simbolismos atrelados à cor vermelha. Por exemplo, a cor vermelha é associada ao fogo e ao sangue, ambos atrelados a nossa existência enquanto humanos, independente de contexto sócio histórico. O vermelho é a cor das paixões, boas ou más. Se observarmos, como nos aponta Heller (2000), a utilização dessa cor atrelada ao sentimento amor/paixão possui seu significado quando ficamos constrangidos, apaixonados,

envergonhados ou até mesmo excitados, o sangue sobe à cabeça, deixando-o, por finalidade, o nosso rosto vermelho. É praticamente impossível alguém que nunca tenha escutado a frase: “*Você esta todo vermelho*”, “*Está vermelho de vergonha*”, *Hum! Ficou todo vermelho né*”, atreladas as questões que dizem respeito ao amor, a paixão. O vermelho é a cor utilizado para representar o dia dos namorados, são inúmeras lojas que se ornamentam nas cores vermelhas para representar está data, que esta, por conseguinte, atrelada a questões amorosas.

Assim, podemos inferir que ao programa se utilizar da cor vermelha em sua composição cênica, o mesmo reforça estereótipos ligados ao amor a partir de um viés lúdico atrelado as cores, que, como já enfatizado, se encontra enraizados em nossa cultura. Ainda, destacamos a utilização de uma “escultura” de coração ao fundo do cenário [na cor vermelha e nos moldes de um órgão humano], pois, esse órgão é atrelado, em grande parte, a nossos emoções, nesse sentido, o senso comum, em grande parte, partilha da primícia de que sentimos nossas emoções através do coração [quando sua função primordial é o bombeamento do sangue para o corpo humano].

Dando início ao programa, assim como em todos os episódios, a apresentadora Fernanda Lima profere o seguinte discurso sobre a temática abordada no dia – o amor:

Fernanda Lima: [Inicia-se uma apresentação musical] O amor e liberdade ou prisão? Razão ou emoção? O amor é coragem ou medo? Fidelidade, lealdade, individualidade,

egoísmo, cinismo, paixão ou solidão? O amor é sabedoria, loucura ou predestinação? O amor ama a si mesmo, ama o outro, ama mais de um e mais um outro? O amor é leve ou pesado? É assim ou assado? Suave, suave coisa nenhuma ... [continua a apresentação musical].

Ao analisarmos esse discurso de abertura, compreendemos que há um posicionamento em indagar sobre as possibilidades do amor, enquanto um sentimento, dentro de uma gama diversa. Assim, ao pensarmos sobre as construções das emoções como mencionado por Rezende e Coelho 2010; Koury, 2003, 2004, 2005; Victora, 2011, dentre outros autores, podemos compreender que o amor, enquanto uma emoção, não é compreendido enquanto estáticos e universal, mas sim fruto de uma relação com o meio ao qual se está inserida, dentro de especificidades contextuais, sociais e históricas. São possibilidades que os sujeitos podem experimentar de formas diversas, ou, como enfatizado por Lauretis (1984) dizem respeito a uma série de “experiências” vivenciadas pelos sujeitos. Nesse sentido, a partir do discurso de abertura, podemos compreender que a apresentadora tenta desconstruir o amor, ampliando, por conseguinte, as possibilidades de se vivencia-lo, abrindo margens de possibilidade e experimentações desse sentimento, colocando-o como fluído e singular, com margens de ser uma coisa ou outra, ou nenhuma. Ainda, se destaca que o amor mencionado ao longo da abertura não se trata exclusivamente de um amor no sentido de casal/romântico, mas se expande para amigos, família e outros.

No segundo vídeo, intitulado “O amor voltou! E ‘amarrou’ Regina Navarro Lins”, observa-se uma encenação teatral onde o amor, sendo incorporado pelo ator e cantor Tiago Abravanel, faz uma série de brincadeiras no palco. Ao longo da encenação, o personagem amor se apresenta como uma pessoa carente, sendo por vezes questiona pela apresentada Fernanda Lima se ele gostaria de receber

um abraço um carinho. Assim, o personagem profere o seguinte discurso:

Tiago Abravanel: Aí Fernanda! Que porra é essa que esta acontecendo? Tá difícil, não é possível, tô cheio de grilos, caraminholas, tentando entender o que estão dizendo do meu nome por ai [sobre o personagem amor]. É pra abrir a relação? É isso. Não sei. É pra ser livre, deixar o outro livre? ...

Ao analisarmos esse discurso, podemos compreender que eles buscam demonstrar, através da ludicidade teatral, que o amor, enquanto um sentimento vem passando por uma série de reconfigurações em nossa sociedade. Que ele vem se desprendendo de valores, que outrora eram compreendidos como estáveis e universais. Dando continuidade a encenação, a apresentadora Fernanda Lima diz a seguinte frase: “*Eu estou te entendendo, você está confuso por que você não sabe mais o que é da ordem da emoção, o que é da ordem da razão [...]*”. Observa-se que, a partir desse discurso podemos ter indícios de que o que vem ocorrendo em relação ao amor é que este vem sendo compreendido sobre novos prismas. Pois, esse sentimento, em especial ao longo das últimas décadas, foi compreendido enquanto da ordem da emoção sendo usadas, muitas das vezes, como uma prática de dominação e violências exercidas em especial pelos homens sobre mulheres, pois, os discursos ideológicos sobre o sentimento amor, da ordem da emoção, foi um forte influenciador da dominação de gênero (Neves, 2008; Santos *et. al.*, 2014; Benito, 2018). Entretanto, o amor vem sendo entendido agora da ordem da razão, ele vem sendo questionados os limites do se amar, dentro de uma racionalidade, pois, durante muitos anos a ideia de amor romântico influenciou diretamente a vida das mulheres, conforme explicita Fernanda Marques Queiros (2008),

Esta ideia de amor romântico afetou diretamente a vida das mulhe-

res, a partir da criação do lar, da modificação nas relações entre pais e filhos e da idealização da maternidade. Segundo os ideais desse amor, este confere à mulher uma situação de subordinação e submissão ao marido e ao lar, enquanto que o homem desfruta de segurança proposta no lar e dos prazeres fora dele. (Queiroz, 2008, p. 43).

O terceiro vídeo, intitulado “Amor & Sexo apresentam o suprassumo musical do amor”, a apresentadora Fernanda Lima vem discursando sobre as relações entre razão e emoção, e propondo uma brincadeira entre dois integrantes da bancada, como podemos verificar no seguinte excerto:

Fernanda Lima: Olha gente, tudo isso foi uma cena, mas tem um fundo de verdade aí né [referindo-se a encenação de Tiago Abravanel supracitada]. Por que, essa briga entre cérebro e coração, razão e emoção é uma briga antiga e de gigantes, quer ver? Com vocês Zé Loreto e Eduardo Steblet [inicia uma apresentação teatral e musical entre o cérebro, personagem de Eduardo Steblet e o coração, personagem José Loreto].

Fernanda Lima: [risos] Bom gente; no amor tudo o que o coração quer o cérebro dá um jeito de acatar, mas nem tudo que o cérebro quer o coração aceita sem reclamar. Então, foi pensando assim que os cupidos malucos do Amor & Sexo criaram essa dinâmica, o suprassumo musical do amor.

Enquanto se desenvolve a dinâmica entre o cérebro e o coração, a apresentadora realiza uma série de questionamentos para os demais membros da bancada, conforme iremos analisar a seguir.

Fernanda Lima: Tiago, sempre dá para separar amor de tesão?

Tiago Abravanel: Eu acho que dá, pelo menos na hora que eu vejo uns vídeos lá eu fico de [cortam a fala, mas de acordo com o gesto realizado a palavra seria: de pau duro – pênis ereto].

Ao observarmos esses discursos podemos compreender que o sentimento amor não necessariamente está atrelado a questões da ordem da sexualidade-sexo. Podemos amar e não sentir desejo ou sentir desejo e não amar, uma coisa não anula a outra. O amor, enquanto um sentimento pode ser vivenciado de múltiplas formas.

Fernanda Lima: Regina, você escreveu o livro: ‘Novas formas de amar’, onde você fala sobre os novos modos de estar juntos. Com base nele, você acha que a gente pode ter tanta expectativa no amor?

Regina Navarro: Olha, o problema das expectativas é que quando, na convivência, você acaba percebendo o outro com coisas que você não gosta e se decepciona. Muitas vezes, o rancor, o ressentimento, que a gente vê em um casamento, é porque as expectativas eram muito altas em comparação com a vida cotidiana.

O amor vem sendo problematizado para além de um amor romântico, que depende do outro para sua sobrevivência e fortalecimento. Devemos assim, compreender que as formas de vivenciar e externar o sentimento amor é singular de sujeito para sujeito, não devemos ter expectativas em coisas que são subjetivas e dependem de outrem que as vivências de formas singular, de acordo com seus valores.

Fernanda Lima: Mila Combi, o medo da solidão pode se confundir com o amor?

Mila Combi: Acho que sim. É, eu acho que a gente é encorajado a sentir medo sempre né. Também é encorajado a nunca ficar sozinho, a so-

lidão parece que é um grande fracasso, e na verdade, a solidão é um caminho para o sucesso. Na solidão que você se conhece, forma caráter, se descobre quem você é.

No excerto supracitado podemos compreender que o discurso busca problematizar sobre nossa construção enquanto sujeitos, que muita das vezes nos é condicionados certas verdades absolutas enquanto modelos e práticas a serem seguidas e assimiladas como verdades absolutas, assim como mencionado por Foucault (1997), ao discorrer sobre os “regimes de verdades” e Tereza de Lauretis (1987), ao discorrer sobre as Tecnologias de Gênero. Não somos, por conseguinte, obrigados a seguirmos os padrões instituídos, tendo em vista que partilhamos de singularidades e visões de mundo específicas.

No quarto vídeo, intitulado “Stevens Rehen fala sobre os benefícios do amor e do sexo”, podemos destacar os diálogos entre a apresentadora Fernanda Lima e o neurocientista Stevens que, ao longo do discurso dialogam sobre o amor afirmando que nós utilizamos uma metáfora associando esse sentimento ao coração, porém, o mesmo diz respeito ao cérebro. O neurocientista explica essa situação ponderando que essa relação diz respeito a uma construção e associação do homem com seus batimentos cardíacos, pois, ao se confrontar com outra pessoa, a qual nutria certo sentimento, os batimentos aumentavam, colocando o coração, por finalidade, como centro das emoções. Contudo, ao ser questionado pela apresentadora sobre o amor ser uma questão cultural, o neurocientista é enfático e diz que o amor é algo que acontece quimicamente, portanto, da ordem do biológico. Ainda interessada no assunto, à apresentadora então o questiona dizendo então ser o amor algo biológico. Por fim, o neurocientista, continua afirmando que o amor é uma necessidade biológica, associando o progresso da raça humana à capacidade de amar, colocando-o como da ordem do universal e do

biológico, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Fernanda Lima: Amor e razão ou emoção? Esse a *hashtag* e de a sua opinião nas redes. E a gente está aqui, na plateia com o neurocientista Stevens Rehen. Stevens o coração é uma metáfora para falar de sentimentos, embora a gente saiba que o amor acontece no cérebro, de onde vem essa história de que o amor acontece no coração?

Stevens Reheb: Quando o homem começou a prestar atenção nele mesmo; ele começou a associar a emoção aos batimentos cardíacos. Então, a pessoa sentia uma emoção, o coração batia mais rápido e ele pensou que era o coração o centro da inteligência das emoções.

Fernanda Lima: O amor é cultural?

Stevens Reheb: Ele pode ser demonstrado diferentemente, de acordo com a cultura. Mas ele é, acontece no cérebro, e é químico.

Fernanda Lima: O amor então é uma construção biológica?

Stevens Reheb: É mais que uma construção biológica, é uma necessidade biológica né. O ser humano conseguiu chegar aonde chegar, nossa espécie *homo sapiens*, por conta do amor. A gente floresceu quanto espécie e conquistou o planeta inteiro porque fomos capazes de amar. Amar pessoas do mesmo sexo, do sexo diferente, amar pais e filhos, isso tem uma vantagem adaptativa muito grande por que nos protege.

Nesse sentido, o amor, para o neurocientista, é vista como da ordem da ciência. Embora este não negue o seu caráter social, ele afirma que diz respeito a aspectos da ordem do biológico, aos processos químicos que ocorrem no cérebro. O mesmo coloca o amor como uma necessidade para se alcançar uma

determinada finalidade, por exemplo, perpetuação da raça humana e adaptação ao meio social.

Destaca-se assim que, esse argumento biologicista, durante muitos anos, foi usado para uma hierarquização e submissão entre os gêneros, associando certa passividade ao gênero feminino e certa agressividade ao gênero masculino, condicionando-o, por conseguinte, papéis sociais que cada sujeito deveria exercer em sociedade (Neves, 2008; Santos *et. al*, 2014; Benito, 2018). Nesse sentido, assim como apontado por Sandra Farganís (1997), os sujeitos “[...] são historicamente corporificados, pessoas concretas cuja perspectiva é uma consequência daquilo que são, assim, em uma sociedade dividida pelo gênero, as mulheres verão e conhecerão de modo diferente dos homens” (Farganís, 1997, p. 227), consequentemente, “o caráter social do gênero dá a elas uma perspectiva diferente e o lugar onde estão – suas atividades dentro do mundo e a forma como são consideradas em uma sociedade estratificada pelo gênero – fará delas praticantes de um tipo diferente de ciência (*idem*).

O quinto vídeo, intitulado “Amor & Sexo promove debate sobre todas as formas de amar”, podemos observar o seguinte diálogo entre apresentadora e bancada de convidados:

Fernanda Lima: Regina ajuda a gente então a “segurar essa barra que é gostar de você”. Por que esse novo amor não cabe numa letra só de pagode?

Regina Navarro: É não cabe; por que, geralmente, as letras de músicas são dentro desse esquema do amor, onde um completa o outro, os dois se transformam em um só, ninguém tem olhos pra mais ninguém, então, essas novas formas de amar fogem a esse modelo.

Mari: Mas assim, a gente não pode ser feliz também desejando a mesma pessoa a sua vida inteira, ou não é possível? [todos riem]. Só queria saber, é possível isso Regina?

Regina Navarro: Claro, é possível. Mas é o seguinte, o modelo de casamento tem que ser reformulado, quer dizer as pessoas tem que ter liberdade de ir e vir, amigos inseparados, não haver controle da vida do outro. Quer ficar 40 anos casado, só transar com aquele pessoa, pode. Quer ter 3 parceiros fixos, também pode.

Mari: É uma escolha, não é uma obrigação.

Fernanda Lima: Mila, como conciliar o desejo de liberdade sexual e o desejo de segurança emocional?

Mila Combi: Eu acho que essa é a grande pergunta né, e vale pra tudo na vida né, porque a gente quer liberdade, mas a gente quer também segurança e você não tem uma com a outra. Agora, a segurança que você quer dentro de um relacionamento será que é mais importante do que a essência humana, que talvez quer mais liberdade do que segurança. Eu acho que, a gente quer mais liberdade, mas é um sistema que aceita a gente sentir medo e a gente busca proteção e segurança.

Fernanda; Dja, você acha que o feminismo contribuiu para essa revisão que a gente esta fazendo nas relações amorosas?

Djamila: Sem dúvida nenhuma, as feministas, várias, tem o papel primordial, fundamental na verdade, em pensar essas relações e repensar, sobretudo, esse papel que foi construído para a mulher, que é sempre esse papel do cuidado, ou da louca muito apaixonado, ou da histérica, que nunca pode ficar sozinha, e que só é completa se tiver um homem do lado, então, eu acho que é fundamental.

Lin da Quebrada: Se a gente pensarmos nos filmes que a gente vemos, quantos homens são estimuladas a ir pra fora, conquistar o mundo, emprego dinheiro né, essa são as conquistas dos homens, as das mulheres, sempre são amar.

Ao longo do excerto, observa-se que o amor vem sendo desconstruído na medida em que ele vem sendo compreendido enquanto algo da ordem da subjetividade humana, que vária de sujeito para sujeito e esta atrelado as escolhas realizados ao longo de nossa existência. Contudo, ao analisarmos o seguinte excerto, podemos compreender que ao se tratar do amor entre pessoas do mesmo sexo ainda se é construído em cima estereótipos.

Fernanda Lima: Dudu você acha que os gays tem mais facilidade para lidar com relacionamento aberto ou é tudo igual?

Dudu Bertolini: Olha, eu acho que sim por que os relacionamentos gays já nasceram numa contra mão dessa sociedade cis-hetero-normativa que ainda predomina, então, desde sempre a gente teve que aprender a aceitar e a inventar novas formas de amar, e novas formas de se relacionar.

Nesse sentido, ao responder que sim, os gays têm mais facilidades para lidar, o estilista Dudu Bertolini coloca todos dentro de uma caixa e isola as possibilidades de ações individuais desses sujeitos. Ainda, destaca-se que tal fala, em certa medida, reforça o estereótipo dos gays serem promíscuos, se relacionarem com diversas pessoas, dentro outros aspectos que, em grande parte, se torna pejorativo. Dando continuidade ao vídeo, temos o seguinte excerto:

Fernanda Lima: Edu, você e sua mulher já pensaram em abri a relação em algum momento?

Eduardo Steblet: A gente nunca pensou, mas já quase aconteceu em Olinda no carnaval [risos].

Fernanda Lima: Mais era outra mulher ou era um homem?

Eduardo Steblet: Era uma outra mulher, mas não aconteceu nada assim, porque talvez eu tenha ficado com essa cara que eu estou aqui agora

[abobado, diz Fernanda Lima], justamente, e ai perderam o tesão em mim.

Fernanda Lima: Mas se fosse outro homem, você acha que iria ficar ‘empolgadão’ assim?

Eduardo Steblet: Teria que me seduzir muito.

Ao ponderarmos sobre o discurso travado entre Fernanda Lima e Eduardo Steblet, podemos verificar a típica forma de “dominação masculina” (Bourdieu, 2012), que ainda está incutido em nossa sociedade, exercida pela figura masculina ao se auto afirmar dentro de sua masculinidade, sendo enfático que a relação só seria aberta caso fosse com outra mulher, pois isso seria da ordem do natural, de como se foi ensinado e instituído em nossa sociedade. Quando questionado se o outro parceiro fosse um homem, o convidado é categórico é diz que, teria que ser seduzido muito, fato este que, ao se tratar de outra mulher não precisaria ocorrer.

Em seguida, no desenrolar do vídeo, são apresentados dois casais que se auto intitulam como: poliamoristas e outro como uma relação aberta. Contudo, observa-se que o arranjo conjugal desses casais apresentado é sempre pautado na configuração de um homem (heterossexual) com duas mulheres (bissexuais), que mesmo que seja um grande avanço para a sociedade brasileira, porém, a meu ver, reforças características patriarcais típicas do século XIX do senhor que possuía diversas mulheres. Pois, “a sociedade patriarcal brasileira se fundamentou no machismo e sexismo, construindo paralelamente duas imagens de mulher associadas ou como ‘objetos sexuais’ – erotizadas e sensuais ou como “esposas submissas- dedicadas aos seus maridos” (Cobra, 2002, p.16).

No sexto vídeo, intitulado “Preta Gil e Rodrigo Godoy ‘abrem a relação’ no Amor & Sexo”, é proposta uma dinâmica entre o casal que devem responder perguntas sobre sua vida conjugal simultaneamente, dentre de um

caráter lúdico típico de programas de auditório para intercalar entre um assunto e outro e prender a audiência dos telespectadores. As perguntas e respostas não possuíam caráter analítico de relevância, pois, em grande parte, versavam sobre gostos e particularidades da vida do casal, tais como: quando se conhecerem; primeiro presente; e afins.

O sétimo vídeo, intitulado “Amor & Sexo aborda os aspectos legais do amor e do desejo”, a apresentadora apresenta um novo casal, que se auto intitulam como um trisal, dentro das mesmas configurações dos supracitados (um homem homossexual e duas mulheres bissexuais), ao longo dos diálogos Fernanda Lima vai tentando explorar sobre como é a dinâmica do casal em relação ao ciúme, sobre a relação conjugal, vida diária e cuidado com os filhos (o trisal possui dois filhos, um de cada mãe). Ainda, é abordado sobre os motivos que levaram ao trisal legalizar a união dos três, enfatizando sempre as questões burocráticas e, em certa medida, uma segurança jurídica para ambos os envolvidos. Destaca se que, o que foi realizado pelo casal foi uma união estável, que já existia, independentemente do documento, e que é realizado diariamente no Brasil, de acordo com convidada Dr. Fernanda Leitão (Tabeliã). Partindo para o encerramento do vídeo, Fernanda Lima apresenta um novo convidado, Fernando Lima, que explica melhor sobre os novos arranjos que vem surgindo e até que ponto o Estado pode interferir na vida pessoal dos sujeitos envolvidos, sendo enfático ao dizer que “o Estado não deveria intervir e intervém cada vez menos na vida das pessoas”.

Assim, podemos compreender nessa resposta conexões com os pensamentos da pesquisadora Flávia Biroli (2014), que diz:

Um aspecto importante nessa discussão é que a ausência da ação direta do Estado em prol de relações mais justas e menos opressivas não significa ausência de regulação. O que existe sem essa ação não é a geração e reprodução espontânea das fa-

mílias e da intimidade. A família e as formas assumidas pela vida afetiva e pela intimidade são produtos sociais não apenas porque variam no tempo, de acordo com valores, práticas culturais e formas de organização da vida material, são também institucionalmente moldadas (Biroli, 2014, p. 43).

No oitavo vídeo, intitulado “Fernanda Lima promove quarto casamento no palco do Amor & Sexo”, assim como o título apresenta, a apresentadora promove a união de um casal no palco do programa. Este casal é composto por um homem, heteronormativo e sua parceira, uma mulher bissexual (dentro dos moldes de normalidade aceitos em sociedade – homem/mulher). Ao longo da conversa podemos observar o seguinte diálogo:

Fernanda Lima: Dayane e Felipe, historicamente o casamento é?

Felipe: É uma burocracia, não sei.

Dayane: É um lugar de opressão para a mulher historicamente.

Fernanda Lima: E na prática o casamento é?

Felipe: Acho que cumplicidade.

Dayane: É, lealdade, respeito.

Fernanda Lima: Até que a morte nós separe ou que seja terno enquanto dure?

Dayane: Seja eterno enquanto dure.

Felipe: Que seja eterno enquanto dure o brilho no olhar.

Fernanda Lima: O pacto é?

Dayane: Verdade sempre.

Fernanda Lima: O importante é?

Dayane: Ser livre.

Fernanda Lima: Cabe mais um no casal?

Dayane: Por enquanto não [risos].

Felipe: Por enquanto não.

Nesse sentido, no fragmento supracitado, o casal apresentado reforça o estereótipo instituído em sociedade de casal homossexual e

monogâmico, apesar da mulher ter sua orientação entendida enquanto bissexual. Observamos assim que, ao mesmo passo que o programa tenta desconstruir o amor e o relacionamento, o mesmo reforma padrões instaurado na ordem do natural e dito como certo e verdadeiro.

No nono vídeo, intitulado “José Loreto, Débora Nascimento, Preta Gil e Rodrigo Godoy participam do ‘Jogo do Ciúme’”, assim como proposto na análise do sexto vídeo é realizada uma dinâmica com a finalidade de entretenimento do público, como uma forma de intercambiar momentos de falas seria com brincadeiras para dar uma ludicidade ao programa, conforme proposta de exibição.

No décimo vídeo, intitulado “Fernanda Lima recita poesia sobre o amor e o ciúme”, a apresentadora recita um poema sobre o amor, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Fernanda Lima: O ciúme pode machucar o amor, não deixa isso acontecer por que uma conversa franca sobre as inseguranças do casal pode ser uma ótima forma de encarar o ciúme de frente.

[inicia-se uma canção junto de um espetáculo de dança].

Fernanda Lima: Quanto falta pra gente se ver hoje? Quanto falta pra gente se ver logo? Quanto falta pra gente se ver todo o dia? Quanto falta pra gente se ver pra sempre? Quanto falta pra gente se ver, dia sim dia não? Quanto falta pra gente se ver às vezes? Quanto falta pra gente se ver cada vez menos? Quanto falta pra gente não querer se ver? Quanto falta pra não querer se ver nunca mais? Quanto falta pra gente se ver e fingir que não viu? Quanto falta pra gente se ver e não reconhecer? Quanto falta pra gente se ver e não lembrar que um dia a gente se conheceu? Bruna Beber. Palma para o maravilhoso Jaloo [estava cantando

uma canção enquanto ela recitava o poema].

Ao longo do poema, podemos observar que o amor é posto como um sentimento que diz sobre nossas escolhas. Sobre como lidamos com ele. Sobre os caminhos que percorremos junto com alguém ou mesmo sozinhos. O amor, no poema, é posto como uma série de vivências que irá variar de sujeito para sujeito dentro de suas especificidades.

No décimo primeiro vídeo, intitulado “Fernanda Lima, jurados e convidados falam sobre amor e ética”, a apresentadora junto dos convidados debatem sobre as potencialidades do amor em sociedade. Ao longo dos diálogos o amor é posto como algo transgressor. É abordado sobre as questões relacionadas a mentiras dentro de uma relação, e até que ponto estas pode influenciar na forma de amar, na relação e na convivência. Como devemos nos portar diante de um término, que devemos ser éticos e dizer que a relação não esta dando mais certo, que o amor é ser transparente na relação. Embora, os discursos sejam, na prática, uma forma emancipatória de se pensar o amor, na prática as relações não são tão simples, pois envolvem sujeitos reais, com expectativas e visões de mundo particulares. Assim, o programa, em certa medida, busca compreender o amor como um sentimento universal, que todos devem sentir da mesma forma e se portar diante das adversidades de uma única maneira.

No último vídeo, intitulado “Fernanda Lima encerra programa com mensagem sobre as formas de amar”, observamos o seguinte discurso:

Fernanda Lima: Amar pode ser tantas coisas né, pode ser dormir de conchinha, beber água no mesmo copo, beijar a boca com bafo da manhã, lavar, passar cozinhar. Amar pode ser ouvir, falar, silenciar e depois abraçar. Amar é olhar no fundo dos olhos, prestigiar a lágrima e ‘fufucar’ o riso, amar é buscar na me-

mória o amor, mesmo quando a dor insiste em dizer: acabou. Amar pode até dizer adeus, mas nunca desistir de quem um dia você amou, boa noite a todos, até semana que vem; muito obrigado e muito amor para vocês [o programa se encerra com apresentação musical].

Por fim, apresentadora encerra o programa com os versos supracitados colocando o amor como algo bom, mágico, que as sentido a vida. Entretanto, o amor pode ser um local de aprisionamento, de brigas, de conflitos, de violências e violações. Amar ou o amor é uma potencialidade de coisas que é sentida e vivenciada de acordo com cada sujeito dentro de seus contextos. Não há uma fórmula para o amor, ele não se esgota suas possibilidades em definições.

### Considerações finais

Esse trabalho buscou analisar as (des)construções sobre o amor em um programa de entretenimento exibido em uma emissora de massa, mas especificamente teve como objeto de análise o programa Amor & Sexo veiculado no dia 16 de outubro de 2018, onde a temática central abordado foi o amor.

Esta pesquisa, mesmo que brevemente, permitiu reflexões sobre as ações da mídia televisiva, em especial no que diz respeito aos programas televisivos, na (re)construção da concepções relativas as emoções dos sujeitos na contemporaneidade, desvelando como ela afeta, significativamente, a dinâmica de interação dos sujeitos em todas as esferas da vida, pessoal, familiar, profissional e social.

Observa-se que a mídia, em especial a televisiva, é, em grande parte, responsável pela difusão de informação passada para a sociedade brasileira, de modo que está, em grande parte, torna-se modeladora de condutas e pensamentos, sendo as programações estrategicamente formuladas para esta finalidade. Dessa forma, os programas vêm, em certa medida, difundindo ideias massificadas e modos de li-

dar com as construções das subjetividades dos sujeitos. Programas como esses se constituem como mecanismos que legitimam certos padrões de sociabilidade e de vivência, e também contribuem, em grande parte, para a criação de um fantasioso “imaginário”.

No que diz respeito ao amor – foco da análise, o programa Amor & Sexo, em certa medida, reforça estereótipos na construção dessa emoção, pautada em imposições sociais criadas e crivadas como naturalizadas em sociedade. Nesse sentido, se observam que, mesmo compreendendo esse sentimento em alguns momentos como algo amplo, o programa estabelece certos padrões pautados na heteronormatividade, deixando a margem desse processo construtivo outras formas de se vivenciar esse sentimento.

Contudo, cabe ressaltar que, apesar de haver algumas lacunas a ser explorado pelo programa, esse se configura como mecanismo de suma relevância para uma abordagem de temas que são considerados tabus em nossa sociedade, abrindo, por finalidade, margem para discussões e problematizações.

### Referências

- Almeida, D. (1988). *Telenovela. O (in)discreto charme da burguesia*. Maceió.
- Andrade, E. (2011). *Jogo do Strip Quiz: análise dos conteúdos pedagógicos de Educação Sexual em um quadro do programa televisivo Amor & Sexo* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. [www.tede.udesc.br/handle/tede/2531](http://www.tede.udesc.br/handle/tede/2531).
- Andrade, E., & Melo, S. (2011, abril 28-30). *Um estudo dos conteúdos pedagógicos de educação sexual presentes no programa televisivo “Amor e Sexo” da rede Globo* [Apresentação em conferência]. II Simpósio Internacional de Educação Sexual – II SIES – Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares,

- Maringá, PR. [www.sies.uem.br/trabalhos/2011/188.pdf](http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/188.pdf).
- Aronchi de Souza, J. (2004). *Gêneros e formatos na televisão brasileira* (1ª ed.). Summus.
- Bandeira, L., & Melo, H. (2010). *Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil*. Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Barros, S., Santos, M., Passos, J., Oliveira, P., Silva, M., & Gomes, I. (2011). A sexualidade em Amor & Sexo: representações, discurso e regime de verdade. *Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação*, 3(1). <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/616/575>.
- Barreto, M. (2001). Individualismo e conflito como fonte de sofrimento social. *Política & Trabalho*, (17), 16-32. [www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6479](http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6479).
- Benito, P. (2018). *Quanto mais me bates menos gosto de mim: a violência conjugal e a vinculação, os esquemas desadaptativos precoces, a ansiedade e a depressão* [Dissertação de Mestrado]. ISPA – Instituto Universitário. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6715>.
- Bilenki, M., & Máximo, M. (2017, junho 15-17). *Amor & Sexo: Sexualidade, Feminismo e o Contra-agendamento da Mídia* [Apresentação em conferência]. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Caxias do Sul, RS. <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0895-1.pdf>.
- Biroli, F. (2014). *Família: novos conceitos*. Fundação Perseu Abramo.
- Bispo, R. (2016). Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envenhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica*, 20(2), 251-274. <https://journals.openedition.org/etnografica/4268>.
- Bourdieu, P. (2012). *1930-2002. A dominação masculina/Pierre Kühner* (11ª ed.). Bertrand Brasil.
- Cobra, M. (2002). *Sexo e marketing*. Cobra.
- Coelho, M. (2003). Dádiva e Emoção. Obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 2(6). [www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v2,n6,dez12003.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v2,n6,dez12003.pdf).
- Corcuff, P. (2001). *As novas sociologias. Construções da realidade social*. EDUSC.
- Corazza, S. (2001). *O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação*. Vozes.
- Costa, A. (2005). Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Gênero*, 5(2), 9-35. [www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380](http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380).
- Durkheim, É. (1989). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Ed. Paulinas.
- Durkheim, É. (2002). *As regras do método sociológico* (17ª ed.). Companhia Editora Nacional.
- Ferreira, D., & Souza, A. (s.d.). *Sexualidade e gênero da televisão: análise do projeto educativo do programa Amor e Sexo*. [www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idi\\_nscrito\\_1335\\_8f2210e5f5ec4a076a8e984cbb981f35.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idi_nscrito_1335_8f2210e5f5ec4a076a8e984cbb981f35.pdf).
- Ferreira, N. (2002). As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, ano 23, (79), 257-272. [www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-73302002000300013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-73302002000300013&script=sci_abstract&tlng=pt).

- Foucault, M. (1997). *Microfísica do Poder* (11ª ed.). Graal.
- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª ed.). Atlas.
- Gohm, M. (2011). *Educação não-formal e cultura política* (5ª ed.). Cortez.
- Heller, E. (2016). *A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão* (1ª ed.). G. Gili, Ltda.
- Hochschild, A. (2013). Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In M. Coelho (Org.), *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. EDUERJ.
- Koury, M. (2003). *Sociologia da emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Vozes.
- Koury, M. (2004). *Introdução à sociologia da emoção*. Manufatura / GREM.
- Koury, M. (2005). *Amor e Dor. Ensaio em antropologia simbólica*. Bagaço.
- Lauretis, T. (1987). *Technologies of Gender, Essays on Theory, Film and Fiction*. Indiana University Press.
- Lauretis, T. (1984). *Alice Doesn't, Feminism, Semiotics, Cinema, Bloomington*. Indiana University Press.
- Le Breton, D. (2013). *Antropologia da dor*. Fap-Unifesp.
- Lutz, C. (1988). *Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory*. University of Chicago Press.
- Maia, A. (2011). Dimensões da emancipação em abordagens críticas e pós-críticas de currículo. *Revista e-curriculum*, 9(2), 1-19. <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/6880>.
- Mauss, M. (1980). A expressão obrigatória dos sentimentos. In S. Figueira (Org.), *Psicanálise e Ciências Sociais*. Livraria Francisco Alves.
- Meyer, D. (2011). Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, 10(1), 193-198. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>.
- Meyer, D., & Paraíso, M. (2012). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação ou sobre como fazemos nossas investigações. In D. Meyer & M. Paraíso (Org.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação* (pp. 15-21). Mazza Edições.
- Nascimento, I., Santos, M., & Rodrigues, I. (2017, junho 29 - julho 01). *Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa 'Amor & Sexo' exibido em 02 de Março de 2017* [Apresentação em conferência]. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza. [www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1282-1.pdf](http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1282-1.pdf).
- Netto, R. (2012). Amor e Sexo: O framing da Globo e a quebra de tabu. *BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. [www.bocc.ubi.pt/pag/netto-reynaldo-amor-e-sexo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/netto-reynaldo-amor-e-sexo.pdf).
- Neves, S. (2008). *Amor, poder e violência na intimidade: Os caminhos entrecruzados do pessoal e do político* (1ª ed.). Quarteto.
- Paixão, D., Alexandre, T., & Rodrigues, E. (2017). A pedagogia da diversidade no discurso do programa Amor & Sexo. *Temática*, Ano XIII, (08).
- Quadros, L. (2015). *Sem preconceito? A representação LGBT em "Amor & Sexo"* [Monografia de Graduação em Jornalismo]. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Ciências da Comunicação, Curso de Jornalismo, Santa

- Maria, RS. [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1883/Quadros\\_Laura\\_Moura\\_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1883/Quadros_Laura_Moura_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Queiroz, F. (2008). *Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher*. UERN.
- Rezende, C., & Coelho, M. (2010). *Antropologia das Emoções*. Editora Fundação Getúlio Vargas: Série Sociedade e Cultura.
- Santos, A., Farias, D., Pereira, R., & Barros, A. (2014). A violência contra a mulher e o mito do amor romântico. *Cadernos de graduação em Ciências humanas e sociais*, 2(2), 105-120.
- Silva, C., & Camurça, S. (2010). *Feminismo e movimento de mulheres*. SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.
- Silva, M., Ferradaes, N., & Soares, R. (2018). Entretenimento e empoderamento feminino: uma análise da contribuição para o feminismo através do programa “Amor e Sexo”. *Puçá – Revista de Comunicação e Cultura da Faculdade Estácio do Pará*, Ano 4, 4(1). Disponível em: <http://revist>
- [aadmmede.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/5560/47965004](http://aadmmede.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/5560/47965004).
- Silva, T. (2007). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Autêntica.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?*. Loyola.
- Sousa, A. (2016). *Cultura da conexão e segunda tela: a expansão dos laços sociais por meio da interação* [Monografia, TCC – Especialização em Televisão e Convergência Digital]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS. [www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6776/Adri%C3%A9lle%20Lopes%20de%20Sousa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6776/Adri%C3%A9lle%20Lopes%20de%20Sousa.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Victoria, C. (2011). Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia. *Reciis*, 5(4), 3-13. [www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764](http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764).
- Zylberglej, R. (2017). *A influência das cores nas decisões dos consumidores* [Monografia]. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola Politécnica. <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10023496.pdf>.